

HISTÓRIA DO LAZER

Na Grécia antiga, o lazer era visto não como um mero “tempo livre”, mas sim em atividades que estivessem ligadas à aprendizagem ou cultivo do “eu”, isso é corpo e espírito (chamavam de “scholé”, que deram origem às palavras “escola” e “ócio”).

Platão e Aristóteles afirmavam que o contraste do lazer não se fazia apenas ao trabalho, pois deveria haver um contraste à “ação”. O lazer não poderia ser ou estar ligado a uma ocupação, pois daí não seria lazer. O divertimento e a recreação tinham uma importância para melhorar o estado de espírito para o trabalho, e assim, não eram considerado um lazer.

Para Aristóteles, apenas a música e a contemplação eram dignas de se chamarem lazer:

“O homem em contemplação é um homem livre. De nada necessita. Portanto, nada determina ou deturpa seu pensamento. Ele faz aquilo que ama fazer, e o que faz é feito por prazer”.

Apenas a classe dominante participava de certas atividades, como:

- Jogos Olímpicos (com corridas a pé, lutas, corridas de carro, oratória, etc.).
- Os anfiteatros (música, dança, teatro).
- Banhos públicos, etc.

Acreditamos que essa definição de lazer dos gregos, nada tem a ver com o que entendemos por lazer nos dias atuais. A etimologia de algumas palavras romanas mostra a influência dos gregos nos romanos. A palavra **negócio** vem do latim **necotium**, significando **nada de ócio**. A palavra **trabalho** vem do latim **tripalium**, que significa **instrumento de tortura**.

No século IV d.C., Santo Agostinho demonstrava que as brincadeiras infantis eram um perigo para levar uma vida desregrada. Era adepto da “vara e chibata” para manter os alunos quietos, “controlando” seus impulsos maus que prejudicariam a aprendizagem, a obediência, etc.

Outra idéia era que o “trabalho dignifica o homem”, e que o ócio o estragava, assim, procurava-se dar valor apenas ao trabalho, esquecendo do lazer. Isso valeu por vários séculos, principalmente no século XVI, com as reformas protestantes.

Antes da Revolução Industrial (séc. XIII), o número de dias trabalhados era menor (a cada 3 dias trabalhados, 1 feriado). Depois da Revolução Industrial (do séc XVIII até 1800), a quantidade de horas trabalhadas aumentou muito chegando até meados do séc. XIX há 70 horas semanais.

No passado, o homem do campo produzia apenas para sua subsistência. O que sobrava serviria para possíveis trocas. Acordava-se cedo, com o raiar do sol, e quando o sol se punha, já se voltava para casa. Com a indústria, até seus horários naturais se modificam. O relógio de tempo tenta modificar nosso relógio biológico.

Um ponto importante a lembrar, é que a produção no passado tinha algo a ver com o empregado. Isto é, ele produzia e via os resultados finais, dando valor a todo o processo de produção. Hoje em dia, numa fábrica, pessoas apenas colocam parafusos em determinadas peças, ou embalam produtos, sem ter idéia da produção toda, o que não cria um vínculo do produto com seus empregados, que seria o ideal.

¹ Apostila para fins didáticos – Prof. Marcos F. Larizzatti (livro lazer e recreação).

Com esse aumento da produção, falta de tempo de lazer, etc, começam as lutas para redução da jornada de trabalho. Trabalhava-se 5000 horas por ano (16 h/dia) no séc. XVIII na Europa, XIX nos EUA e XX no Brasil de 2^a.a 2^a. Feira, sem feriados. Daí começam as primeiras brigas de origem da Igreja, que nos feriados considerados religiosos exigia um descanso.

O trabalho se iniciava aos 10 anos de idade e terminava apenas na morte, que no caso era prematura.

Apenas para se ter uma idéia, a expectativa de vida no ano 0 d.C. era de 23 anos para as mulheres (muitas morriam no parto). Já em 1900, a expectativa de vida passou para 40 anos e atualmente, está entre 75-80 anos com os avanços da medicina, melhoria da qualidade de vida, alimentação, etc.

Em 1888, Paul Lafargue escreve um manifesto “O direito à preguiça”.

Usou até o exemplo de Deus, que trabalhou 6 dias e descansou no último. Mas suas idéias tiveram pouca repercussão na época.

Outro autor americano foi Thorstein Veblen, que em 1899 publicou a Teoria da Classe Ociosa, onde considerava "trabalhadores" quem fazia diretamente o trabalho, isso é, com as próprias mãos.

Surgem outros autores, como David Riesman (autor de Lonely Crowd, 1950 – ou “multidão solitária”) que começam a entender a sociologia do lazer envolvendo atividades de grupos, atividades corporais livres, viagens, encontros diversificados, etc.

Georges Friedman também foi outro estudioso do lazer, que na época da 2^a. Guerra Mundial procurava “humanizar” as condições de trabalho nas fábricas, integrando o empregado ao trabalho, prevendo suas necessidades de lazer, etc.

Dentro dessa história da busca pelo lazer, temos em 1901 no Brasil a primeira greve reivindicando melhoria de condições de trabalho, onde uma das principais metas era a de alcançar uma jornada de trabalho de apenas 11 horas. Em 1903, no Rio de Janeiro forma-se uma greve com 25000 operários do ramo têxtil, onde conseguem a mudança para uma jornada diária de 9:30 horas.

Em 1907, surge a 1^a. greve nacional, que foi no dia 1^o. de maio (hoje dia do trabalho), onde se pedia a redução da jornada de trabalho. Patrões afirmavam que a diminuição da jornada apenas aumentaria o número de homens bêbados e o trabalho da polícia. Em 1917, temos uma 2^a. grande greve, onde pediam a interrupção do trabalho no sábado à tarde e retomando apenas na 2^a. Feira. Nesse ano, surge um projeto de lei no Congresso, pedindo a jornada diária de 8 horas.

Durante o governo de Getúlio Vargas (1940) surgem várias medidas que beneficiam os trabalhadores, como a aposentadoria, férias, e jornada de 8 horas (Consolidação das Leis de Trabalho - CLT).

CORRENTES ATUAIS DO ESTUDO DO LAZER

Um dos principais estudiosos do Pós-Segunda Guerra Mundial foi **Joffre Dumazedier**, que passou a chamar sua área de estudos de LAZER.

Dumazedier vê o tempo de lazer baseado nas transformações que o mundo passa: revoluções técnico-científicas onde o trabalhador produz mais em menos tempo e em revoluções ético-estéticas, que mudam o cotidiano das pessoas nas relações familiares, políticas, da religião e do trabalho.

Dumazedier é adepto de uma educação não-formal, baseado na observação que aprendemos mais nos nossos tempos livres do que dentro dos bancos escolares. Fala que

¹ Apostila para fins didáticos – Prof. Marcos F. Larizzatti (livro lazer e recreação).

aprendemos mais numa roda de amigos conversando sobre política, esportes, religião, ou lendo jornais e revistas, do que aprendemos numa educação formal, sentados num banco escolar.

O húngaro Alexander Szalai estudou o lazer no sentido de que **“Tempo é dinheiro”** analisando indivíduos na década de 1920, dando a eles uma planilha de suas atividades durante as 168 horas de uma semana, com intervalos de 15 minutos, que poderiam ser classificadas em atividades principais e secundárias, como ler jornal, tomar café, assistir TV, etc. As atividades eram classificadas em 4 grupos:

- Atividades pessoais (sono, alimentação, higiene).
- Obrigações profissionais (trabalho e seu transporte).
- Familiares (cuidar de casa, filhos, compras, transporte).
- Tempo livre (vida sócio-religiosa, sócio-política, lazer associado à mídia e outras formas de lazer).

Suas pesquisas mostraram alguns dados interessantes:

- Que o tempo de trabalho é menor do que o imaginado pelas pessoas,
- Que as mulheres são sacrificadas no seu tempo de lazer pela dupla jornada de trabalho,
- Que o lar é o espaço de lazer de 70-90% do total de tempo livre. Dentro desse tempo em casa, metade era ligada pelas mídias e outra metade a conversas com familiares, amigos, vizinhos, decoração, cuidado com plantas e animais, etc.
- Que o tempo despendido fora de casa era menor do que pensavam.

Nessa mesma linha de pesquisa, de orçamento e tempo, o húngaro-americano Mihali Czikszenmihalyi acrescenta além da questão quantitativa, o aspecto qualitativo, que tem relação com o envolvimento do indivíduo na atividade.. Suas principais contribuições foram:

- A satisfação de lazer dos indivíduos depende de variáveis socioeconômicas, postas na hierarquia profissional e posse de bens como carro, casa de praia, etc. (Essa é a visão desse autor, que lembramos, não exclui que pessoas pobres tenham condições de atividades de lazer).
- Quanto mais desafiadoras as atividades, maiores as chances de envolvimento e prazer nas atividades, fazendo com que pessoas em cargos elevados tenham mais possibilidades de vivenciar experiências novas dentro de empresas do que pessoas com cargos inferiores.
- No trabalho as pessoas se sentem fortes, encorajadas, desafiadas e no lazer, sentem sem ter o que fazer, tristes, fracas, desanimadas e insatisfeitas. Mas mesmo assim, querem trabalhar menos e ter mais tempo livre.

Outro autor importante é Domenico De Masi, que estuda a qualidade de vida no tempo livre. Segundo o autor, a tendência é diminuirmos a jornada de trabalho, substituímos ou acabarmos certos tipos de empregos, pois deveremos reduzir a fadiga física e mental de muitas ocupações, e a criatividade e a organização é que devem ser as necessidades dos novos profissionais. Ele acredita que o trabalho é a principal variável para o acesso e desfrute do lazer.

Para H. Kan e A. Wiener, a partir do ano 2000 a tendência é cada vez mais diminuirmos o tempo de trabalho. Em suas pesquisas, afirmam que na sociedade americana, deve-se trabalhar por no máximo 7,5 horas por dia, e em apenas 3 dias por semana, sendo que de 6^a. a 2^a. feira seria um “fim de semana prolongado” além de férias prolongadas (13 semanas) para a maioria dos trabalhadores.

E. Mandel também compartilha de idéias parecida, com semanas de 20-24 horas repartidas em 5-6 dias, caso tivéssemos um crescimento de produtividade de 5% por ano, e também reduzindo os encargos militares do país.

¹ Apostila para fins didáticos – Prof. Marcos F. Larizzatti (livro lazer e recreação).

J.Fourastié calcula que em 2100, teremos uma carga horária de trabalho de 1200 horas anuais (atualmente é de 2200).

A partir de 1990 no Brasil começa a “indústria de lazer e entretenimento” com produtos como o esporte, o turismo, manifestações artísticas, parques temáticos, etc.

Atualmente no mundo acredita-se que uma (1) em cada dezesseis (16) pessoas trabalha com atividades voltadas ao lazer, gerando assim 212 milhões de empregos. Em 1998 o movimento gerado por esta indústria foi de R\$ 6,5 bilhões, cerca de 1% do PIB (produto interno bruto).

Em 2009, o turismo em São Paulo alcançou um novo recorde, recebeu 11,3 milhões de turistas durante o ano, sendo 9,7 milhões domésticos (turistas brasileiros) e 1,6 milhões de estrangeiros, os quais deixaram R\$ 8,5 bilhões na cidade.

São Paulo é a o maior centro financeiro do país, e dispõe de uma vasta quantia de equipamentos culturais e atividades de lazer.

São 280 cinemas, 160 teatros, 110 museus e 39 centros culturais, alguns atendendo a parcela de maior poder aquisitivo, outros contemplando mais o público popular.

A vida noturna da cidade é referência e um de seus pontos altos. Isso sem falar nas compras, com mais de 45 shoppings e dezenas de ruas de comércio especializado.

E na gastronomia, são mais de 12 mil restaurantes, com 52 tipos de cozinha.

¹ Apostila para fins didáticos – Prof. Marcos F. Larizzatti (livro lazer e recreação).